

XXII Encontro APHES

Aveiro, 15-16 de Novembro de 2002

**Os economistas da FEP:
Formação e percursos profissionais**

António Almodovar (FEP)

Maria de Fátima Brandão (FEP)

Joaquim da Costa Leite (DEGEI-UA)

O diploma de criação da Faculdade de Economia da Universidade do Porto em 1953 referia a necessidade de uma escola que pudesse formar economistas no Norte, sem necessidade de deslocação para Lisboa onde nessa altura se encontrava em plena expansão o ISCEF. Era ainda mencionado o objectivo de formar quadros para as empresas da região.

Na prática, o primeiro aspecto parece ter sido de realização mais fácil do que o segundo. A FEP não teve dificuldade em recrutar alunos no distrito e na região. No entanto, a participação dos economistas da FEP na vida das empresas parece ter sido algo limitada, e com dificuldade de afirmação durante as primeiras décadas. Isto parece explicar-se facilmente por uma conjugação de aspectos que tem a ver por um lado com a natureza das empresas da região, com o predomínio de pequenas e médias empresas de forte componente familiar, onde nos anos cinquenta e sessenta parecia desnecessário contratar quadros com formação universitária; por outro lado o tempo necessário de afirmação—tanto do ponto de vista da qualificação especificamente profissional como até de reconhecimento social—de uma categoria profissional, dependente do progresso na carreira das primeiras gerações de licenciados.

Numa primeira análise, destacam-se dois aspectos marcantes nos percursos profissionais das primeiras gerações de economistas da FEP. A forte componente de Contabilidade constituiu um esteio de afirmação profissional, nas suas diferentes gradações, desde o exercício de profissão liberal somando a contabilidade de pequenas e médias empresas de modo mais ou menos avulso, até à constituição de gabinetes de contabilidade e auditoria, ou a integração como quadros em empresas de maior dimensão. Deste modo,

muitos economistas da FEP assumiram posições chave nos sectores de contabilidade e finanças de toda a região Norte, abrangendo desde as pequenas até às grandes empresas.

Uma outra linha de afirmação tem a ver com a integração de carreira nos bancos, aparentemente com algum destaque para o Banco Pinto de Magalhães e o Banco Português do Atlântico, bancos sediados no Porto. Também aqui podemos encontrar carreiras diferenciadas, como seria de esperar, merecendo um lugar especial o gabinete de estudos do Banco Português do Atlântico, pela influência das suas análises difundidas no Boletim de Conjuntura, e talvez sobretudo pelo efeito de escola por onde passaram nomes que prosseguiriam carreiras brilhantes na política e nas empresas, públicas e privadas.

Como referia em entrevista Eduardo Santos Silva—jurista formado em Coimbra—recordando o banco para onde entrara em Abril de 1967: “Em 1968, o BPA era um banco muito moderno para o seu tempo. Tinha o melhor núcleo de quadros do sistema financeiro e um ambiente de trabalho excepcional. O BPA, 40 anos depois de constituído era o maior banco português. Dos bancos que nasceram no Porto foi o único que adquiriu uma forte projecção nacional.”¹ Os economistas da FEP desempenharam um papel importante nesse sucesso, numa altura em que juristas como Carlos da Câmara Pestana, Vasco Vieira de Almeida e o próprio Artur Santos Silva eram escolhidos para lugares de direcção.

Esta comunicação parte de entrevistas gravadas com o Professor Manuel Baganha, e outras a realizar com antigos professores e alunos da FEP, entrevistas e artigos publicados em revistas, a que se juntam as referências e algum conhecimento directo de pessoas e instituições por parte dos autores. Para enquadrar estas referências e memórias, será elaborado um inquérito a distribuir pelos antigos alunos, de modo a traçar as linhas principais do percurso profissional das sucessivas gerações de licenciados da FEP.

¹ “A minha história: Artur Santos Silva” *Ideias & Negócios* 47 (Maio 2002), pp. 39-40.